



Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração

Some aspects on travestility, transsexuality and ageing: history, body and immigration

Ilana Mountain

Universidade de São Paulo

Resumo

Esse artigo traz algumas reflexões sobre travestilidade e envelhecimento, baseadas na pesquisa *Travestilidade e Envelhecimento*. O tema do envelhecimento da população travesti e transsexual é pouco investigado nas pesquisas brasileiras, e há aqui uma grande gama de aspectos que necessitam de visibilidade e debate. Considerando o contexto transfóbico em que se encontram, destaca-se aqui aspectos levantados na pesquisa relacionados à saúde da população travesti e das mulheres trans em relação às mudanças corporais; as imigrações das travestis e mulheres transsexuais; e a história contada por elas. Nesse sentido, é ressaltada a importância em dar voz às travestis e populações transgêneras, num contexto o qual aspectos relacionados aos efeitos da transfobia são continuamente ignorados e ofuscados, o que coloca em xeque por um lado a garantia dos direitos humanos das populações transsexuais e travestis e por outro, revela como esses grupos configuram na história.

Palavras-chave: **Travestis; Envelhecimento; História; Imigração**

Abstract

This article brings some aspects on travestility and transsexuality and ageing, based on the research Travestility and Ageing. There is a lack of research on the theme of ageing of the travesti and transsexual population, while there are a large number of aspects that need visibility and further debate. Considering the transphobic context, some aspects are highlighted, such as, health of travesties and transsexual people considering the body modifications; immigration; and the history told by them. In this sense, it is pointed out the importance of giving voice to travesties and transgender population, since aspects related to the effects of transphobia are continuously ignored and obscured, which brings to the fore the question of guarantee of human rights to travesties and transgender people, while it also reveals how these groups are configured in history.

Keywords: **Travestis; Ageing; History; Immigration**

Introdução

Esse artigo tem como objetivo principal trazer algumas reflexões sobre travestilidade e envelhecimento. Essas reflexões foram desenvolvidas com base na pesquisa *Travestilidade e Envelhecimento*¹, realizada em 2012, uma pesquisa qualitativa onde foram conduzidas entrevistas com travestis consideradas idosas. O objetivo dessa pesquisa foi levantar como as travestis entendem e exploram a questão do envelhecimento travesti. As orientações teóricas utilizadas são advindas da pesquisa feminista, estudos *queer* e teorias críticas. Nesse artigo são levantado vários aspectos que configuraram na pesquisa que merecem atenção, primeiramente ao relatar suas histórias, as entrevistadas traçaram um percurso histórico de um testemunho das mudanças políticas e sociais no Brasil, apontaram a relação com a transfobia e homofobia estruturais e levantaram aspectos sobre a imigração de travestis e mulheres transsexuais. Segundo, as entrevistadas destacaram aspectos referentes à sua sexualidade e o envelhecimento, a relação com o corpo e possibilidades de inserção laboral. Esses aspectos, além de fundamentais para o entendimento e análise da experiências de travestis e mulheres transsexuais, desvelam também a falta de estudos sobre essa intersecção no campo da psicologia.

Os temas da travestilidade, transsexualidade e imigração ainda não são muito explorados no campo de estudos da psicologia, assim como estudos sobre a intersecção entre envelhecimento e sexualidade. O tema da travestilidade ainda é pouco explorado em pesquisa, apesar do crescimento de estudos sobre o tema nos últimos anos (Amaral, Silva, Cruz e Toneli, 2014). Referente à questão do envelhecimento da população de travestis, mulheres transsexuais e homens trans (Antunes, 2010; Fernandes, Barroso, Assis e Pocahy, 2015; Kimmel 2014; Siverskog 2014), a sexualidade das populações transgêneras na velhice (Bauer, Redman, Bradley & Scheim, 2013; Witten, 2015.), e estudos sobre transsexualidade e raça (Graham et al., 2014), nota-se que estes são temas muito pouco explorados em pesquisas acadêmicas. O presente artigo

traz, portanto contribuições na área, e aponta para a importância em dar voz a esses grupos. É relevante apontar aqui a importância dos movimentos sociais para a visibilidade e luta por cidadania e direitos humanos nessa área (Prado, Moutian, Machado e Santos, 2010), por exemplo, os movimentos de transpatologização que tem gradualmente trazido importantes avanços aos direitos trans no Brasil, na Europa, EUA, Canadá e outros.

A transfobia no contexto brasileiro foi apontada e denunciada em diversos setores (Amaral et al., 2014; Transgender Europe, 2015), sendo fundamental o entendimento de como se dão as dinâmicas e efeitos da transfobia e homofobia, nas diversas localidades, considerando as especificidades regionais e as relações aos demarcadores sociais de diferença de raça, classe, idade e deficiência. Nesse artigo são trazidas algumas reflexões surgidas no contexto da pesquisa realizada, as entrevistadas advindas de diversas partes do Brasil, trazem aspectos que podem ser vistos de uma forma ampla na realidade brasileira, portanto, os elementos levantados não explorarão em detalhes as experiências locais, no entanto, trazem à tona diversos aspectos sobre travestilidade e envelhecimento, vistos enquanto efeitos da exclusão vividas no Brasil.

Sobre a pesquisa

A pesquisa 'Travestilidade e Envelhecimento', 2012, realizada por Moutian, Monteiro, Anderson e Machado, fez parte da colaboração de pesquisa interestadual (UFMG, UNIFESP, UFBA e UFPE) intitulada "A visibilidade de corpos gendrados e seus desdobramentos políticos e cotidianos", com apoio do CNPQ. Essa foi uma pesquisa qualitativa, baseada nas entrevistas de travestis consideradas idosas (N=5). Na análise desenvolvida, deu-se ênfase aos aspectos trazidos por elas, dessa forma, fragmentos das entrevistas serão utilizados no artigo possibilitando visualizar os principais temas destacados nas entrevistas.

A análise parte de uma perspectiva feminista (Haraway, 1998), *queer* (Butler, 1999/2008) e pós-colonial (McClintock 1995; Spivak 1988/2011), e a metodologia utilizada é a análise de discurso (Foucault, 1969/2002) onde as relações de poder são desveladas na pesquisa, ou seja, é analisado o efeito discursivo das dinâmicas sociais. Damos destaque às

¹ Agradeço imensamente a Liliane Anderson, Igor Monteiro e Frederico Viana Machado pela contribuição fundamental para a realização da pesquisa *Travestilidade e Envelhecimento*, 2012.

vozes das entrevistadas nesse artigo (Browne e Nash, 2010).

As entrevistadas advêm de diversas partes do Brasil, tanto de capitais brasileiras quanto do interior, possuem mais de 46 anos de idade, em sua maioria negras e de famílias de classes sociais menos favorecidas. As localidades de origem das entrevistadas foram: interior da Bahia (N-1), interior de Minas Gerais (N-1), Belo Horizonte (N-1) e Rio de Janeiro (N-2). Quatro entrevistadas vivenciaram processos migratórios nacionais e internacionais. Atualmente trabalham em diversas profissões (cabelereiras, cantoras, prostitutas) e algumas são ativistas para o reconhecimento e garantia dos direitos humanos e cidadania das populações travestis, mulheres trans e homens trans.

Para a exposição proposta, o artigo centrará em temas que foram levantados nas entrevistas. Primeiramente é ressaltada a importância da interseccionalidade para a análise e um levantamento do debate sobre a categoria travesti, em seguida é ressaltada importância em se considerar as especificidades dessa população para o desenvolvimento de pesquisas e políticas públicas. Após esse debate, questões específicas referentes a corpo e idade, e imigração e história são destacadas. Nesse sentido, a transfobia é vista como uma violência estrutural que perpassa as histórias e experiências das travestis e mulheres trans.

Travestis e envelhecimento - interseccionando categorias sociais

A maioria das travestis são marginais a vida inteira e quando envelhecem elas viram velhas marginais. (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).²

O tema da travestilidade e envelhecimento, como apontado, é ainda pouco explorado em pesquisa, sendo um tema marginal também nas ciências humanas. Para o desenvolvimento de pesquisas na travestilidade, transsexualidade e envelhecimento, é fundamental considerar categorias sociais em intersecção e o entendimento dessas como socialmente construídas.

Nos estudos sobre a subalternidade, Spivak (1988/2011) discute a impossibilidade do subalterno falar e em ser ouvido, pois este não

participa da possibilidade dialógica da fala (representar – performar e falar), e nem de auto-representação, uma vez que sua voz é sempre mediada. Aponta como nos estudos acadêmicos, muitas vezes é reproduzido o lugar de Outro ao subalterno, e não permite que esse seja um sujeito de desejo, poder, mas visto como um Outro homogêneo.

O sujeito não é visto como consciência representativa (uma consciência que re-presenta a realidade adequadamente). Esses dois sentidos do termo representação – no contexto da formação do Estado e da lei, por um lado, e da afirmação do sujeito por outro – estão relacionados, mas são irredutivelmente descontínuos (Spivak, 1988/2011, p. 32).

Em relação às travestis, levanto dois aspectos, primeiro os desafios e resistências que as travestis, assim como as e os transexuais trazem em relação aos debates de gênero, em particular sobre o corpo binário e ciagênero; e segundo, procurarei centralizar nas falas das travestis os aspectos levantados por elas.

O corpo trans deflagra a rigidez das performances de gênero, desde a contestação ao que é concebido como gênero biológico e suas transformações, às transgressões dos códigos das normas de gênero, que variam de acordo com entendimentos locais sobre gênero sexual. Nesse contexto, podemos levantar como o corpo trans desvela discursos sobre as próprias normas de gênero, tanto na sua transgressão quanto na sua reiteração, ou seja, se por um lado, a não aceitação social das travestis é continuamente reiterada, por outro, podemos apontar como o corpo trans coloca em destaque também, o que é esperado de uma mulher cisgênera, e nos casos dos homens trans, o que é esperado de um homem cisgênero.

É já conhecido como as categorias sociais são construções sociais que são historicamente, cultural e politicamente localizadas (Butler 1999/2008; Haraway 1988), ou seja, não há uma essência de gênero e sexualidade, mas o que é entendido como tal, é historicamente e socialmente específico, inclusive as próprias ideias sobre o corpo. Nesse sentido, pode-se apontar como o discurso médico sobre o corpo, que notadamente tornou-se o predominate sobre saúde, também deve ser visto como refletindo as ideias vigentes de sua época (Foucault 1976/2007; Haraway 1988; Mountian 2013; Saavedra e Nogueira, 2006). Notadamente, discursos prevalentes sobre

² Para manter o anonimato as entrevistas utilizarão de numeração.

travestis e mulheres transsexuais ainda são permeados por discursos morais-religiosos e discursos médicos (Amaral et al., 2014).

A pretensão em homogeneizar as identidades de gênero e categorias sociais mostrou-se uma impossibilidade, porém, podemos levantar algumas características comuns que passam em várias localidades em relação às dinâmicas de poder, mais precisamente a predominância do sistema patriarcal, e as relações de poder dentro desse sistema, e nesse caso, destacam-se as dinâmicas de poder em relação às normativas sociais cisgêneras e heterossexuais. Deste modo, certamente não podemos afirmar uma mesma forma de exclusão e opressão a todos os sujeitos, mas podemos ressaltar como nesse sentido, sujeitos que não se enquadram nas esperadas normas de gênero e sexualidade, são excluídos ou sofrem alguma forma de opressão (Butler, 1999/2008). A travestilidade, vista no contexto brasileiro, traz características específicas, muitas vezes marcada por violências que se dão de diversas formas, como veremos ao longo do artigo.

É comum a ideia do trabalho com intersecção de categorias sociais como a simples soma dessas categorias, igualando a uma posição social inferior, entretanto, ressaltamos que, ao invés da simples soma de categorias, é necessário aqui o entendimento das dinâmicas dessas categorias e de como essas intersecções operam em contextos específicos (Burman, 2008; Chantler, 2007; McClintock 1995; Piscitelli, 2008). Não se trata, porém de um olhar somente sobre a exclusão e discriminação social, mas também dos efeitos e (re)produções discursivas constituídas nos sistemas heterossexuais compulsórios, cisgêneros e coloniais. O corpo da travesti, pode-se apontar, é um corpo marcado sexualmente, perpassado pelas categorias de raça, classe, idade entre outras, e muitas experienciam diversas dinâmicas de exclusão e opressão social.

A travestilidade no Brasil, contesta além da divisão binária do sexo, as políticas de identidade de gênero vigentes. Nesse sentido, é importante apontar que muitas se identificam como travestis e não como mulheres trans, e no caso dessa pesquisa, todas se viam como travestis, e afirmavam essa identidade positivamente. É relevante ressaltar alguns aspectos desse debate, pois trata-se de uma posi-

ção identitária, uma identidade política sexual, da identidade das travestis que muitas vezes viveram a exclusão social de forma veemente, muitas vieram de classes menos favorecidas economicamente, viveram a violência racista, e muitas vezes trabalharam no mercado sexual.

Nesse contexto, travesti é uma identidade autóctona, e em alguns debates e posicionamentos políticos, é um identidade que pode se afirmar em contraposição à noção de mulher transsexual. Esse debate é realizado quando o modelo de mulher trans trazido não faz parte das experiências e cotidiano das travestis. Em alguns contextos, pode sugerir um status maior, de classes mais favorecidas ou algumas vezes incluem também mulheres trans que optaram por cirurgias de reafirmação (afirmando a sua identidade, não como simples readequação), ainda que a identidade da mulher trans não siga necessariamente esses apontamentos, pois não necessariamente farão intervenções cirúrgicas. Nesse sentido, vale apontar que na pesquisa realizada, uma das pessoas entrevistadas se identifica pelo gênero gramatical masculino tanto quando fala de si, como no nome que utiliza. Destacamos aqui, portanto, o posicionamento identitário de travesti, assim como da mulher transsexual, como um posicionamento político, de política identitária.

Esse debate se insere nas políticas públicas e nos estudos acadêmicos sobre transgêneridade. Vartabedian (2014a) traça o desenvolvimento desse debate nos estudos acadêmicos, e aponta que nos anos 80 é desenvolvida a noção de 'terceiro gênero', não incorporada nas dicotomias tradicionais de gênero. Já nos anos 90 é ressaltado o termo 'transgênero' como uma possibilidade distinta aos referentes políticos e teóricos de diversidade sexual. Ainda nos anos 90, com as teorias *queer*, resalta-se a possibilidade de auto-afirmação das pessoas transgêneras. No entanto, Vartabedian (2014a) nos atenta em relação à tentativa de institucionalização do termo 'transgênero' como incorporando todas as identidades não normativas, e homogeneizando as experiências. Sendo, portanto necessário considerar as especificidades de cada grupo e contexto social.

Sin embargo, como crítica, la instrumentalización que se le da a esta categoría no permite dar cuenta de la complejidad del deseo de los sujetos y de las diferentes experiencias involucradas en to-

da identificación. Como se verá a continuación, no todas las travestis, transexuales o transformistas se identifican como transgéneros. Como apunta Valentine, existe el riesgo de colonizar, mediante la representación de la categoría, a aquéllos/as que no tienen los intereses ni la información para identificarse como transgéneros. En última instancia, el peligro reside en que la categoría “transgénero en sí (debido a su vida institucional, su implicación en agencias del estado, su incidencia en los factores de clase y raciales) pueda convertirse, sin intención, en otra herramienta de «exclusión», aunque prometa «incluir», liberar y buscar reparación” (Valentine, 2007, p. 245). (Vartabedian, 2014a, p. 302).

Como já apontado, é importante, portanto considerar as especificidades dos grupos e suas demandas, seu contexto social e político, assim como a formação de identidades políticas nesse contexto e as dinâmicas interseccionais (Motta, 2004). No entanto, como já debatido, essas representações e identidades políticas não devem reduzir as identificações dos sujeitos ou essencializá-las, pois não se pressupõe uma homogeneidade entre os sujeitos (Butler, 1999/2008). A travestilidade é vista, portanto como uma identidade política sexual, não se tratando de uma homogeneização da categoria travesti, mas do entendimento da categoria como identidade política, vista a diversidade do reconhecimento da vivência e experiência travesti (Siqueira, 2004).

Assim, travestis são consideradas todas que se identificam como travestis. Nesse artigo, no entanto, levantaremos alguns aspectos que perpassam as experiências das travestis e também de muitas mulheres transsexuais, pois além da auto-identificação, muitas vivenciam diversas formas de opressão e violência enquanto populações transgêneras.

Corpo e idade

Vejo que hoje a travesti vive uma noite de forma muito intensa, como se fosse a última noite da vida dela, porque ela não sabe se no outro dia vai sobreviver ou se vai amanhecer morta em algum lugar. Então, é como se ela tivesse vivendo o último dia da vida dela. (Entrevistada nº. 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

O envelhecimento é um tema pouco explorado nos estudos sobre transgêneros, transsexuais e travestis, e de uma forma geral também nos estudos LGBT (Alves 2010; Simões 2011). Ao desconsiderar a idade, as pesquisas correm o risco de reproduzir uma noção de sujeito atemporal, e que no caso, seriam sujeitos que continuam produzindo. Esses sujeitos ‘normais’ são aqueles que tem o corpo ágil, não

deficiente, e eficiente nas suas funções, em ressonância com a “valorização da juventude como uma etapa da vida marcada pelo dinamismo e criatividade” (Debert, 2010, p. 51). Como explicita Pocahy, em sua pesquisa sobre homens que fazem sexo com homens idosos:

Algumas performances de gênero e sexualidade só se tornam possíveis através de um discurso sobre a idade, impondo o que é certo ou errado para cada fase da vida. Portanto, parece estratégico investigar como a idade cria condições de inteligibilidade e como ela se articula com gênero e sexualidade em face do projeto biopolítico das sociedades ocidentais. (Pocahy, 2014, p. 225).

Dessa forma, torna-se importante considerar o elemento geracional em pesquisa e em especial no campo de gênero e sexualidade (Alves, 2010). Essa dinâmica fica explicitada em diversas maneiras, e destacamos aqui a importância em analisar as marcas discursivas da interdição e da regulação nos corpos. Por exemplo, no caso das mulheres cisgêneras heterossexuais idosas, a sexualidade é vista como um infratamento, ainda discorrendo sobre as tradicionais interdições da sexualidade feminina, que é frequentemente vista como promíscua, incontrolável e perigosa, necessitando de controle. Nesses discursos, a mulher ainda não é vista como um sujeito autônomo sendo investida como a representante e reprodutora da moral da nação (McClintock 1995; Yuval-Davis 1997).

Em sua pesquisa sobre homossexualidade feminina e envelhecimento aponta Alves:

Difunde-se a ideia de que os corpos envelhecidos não têm espaço no mercado erótico e essa desvantagem acaba por afastar as pessoas mais velhas do exercício da conquista sexual. Essa imagem é ainda mais forte quando tratamos de mulheres. Na medida em que envelhecem, as mulheres são vistas e se veem como pouco atrativas sexualmente. As marcas corporais do envelhecimento como rugas e cabelos brancos são desvalorizadas do ponto de vista estético e comprometem o potencial de sedução daquele corpo (Goldenberg, 2008). Afirma-se também que no Brasil essa desvalorização estética do corpo velho é bastante disseminada, refletindo-se no elevado número de pessoas que realizam (ou que gostariam de realizar) diversos procedimentos, inclusive cirúrgicos, que prometem o rejuvenescimento físico. (2010, p. 217).

No caso das travestis idosas, então quais seriam as possibilidades discursivas? Há uma série de aspectos que são relevantes para serem considerados, destaco alguns aqui. Primeiro, é fundamental considerar a exclusão social que marca a vida das travestis e mulheres

trans, e, segundo, é necessário considerar as questões relativas à auto-imagem e as intervenções corporais, e possibilidades de inserção laboral, como veremos.

Em relação à exclusão social, autores apontam a posição abjeta que essas se encontram, pois não são reconhecidas nas matrizes de inteligibilidade das normas sexuais (Miskolci 2009 em Antunes 2010; Fernandes et al., 2015). Nesse sentido, Antunes e Mercadante (2011, p. 116) apontam que a travesti idosa “é acusada de colocar em risco o fluxo considerado correto. Por isso são visadas, vigiadas, detectadas, classificadas, excluídas e submetidas a tratamento para correção”. Assim, a transgressão das normas sociais do corpo e identidade as colocam em posições sociais vulneráveis, e reiteradamente excluídas.

Assim, frente à exclusão em que vivem, aponto a importância de um levantamento estatístico sobre a longevidade da população travesti e de mulheres transsexuais. Há relatos informais que apontam que o número de travestis que conseguiram chegar à terceira idade pode não ser muito grande, um dado que pode traduzir a situação de risco e vulnerabilidade de travestis em contextos extremamente transfóbicos. No Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) da Universidade Federal de Minas Gerais, recebeu-se diversas denúncias sobre crimes transfóbicos. Ainda, em dados sobre monitoramento de homicídio da população trans, o Brasil configura como o maior número de assassinatos no mundo (TGEU, 2014). Também deve-se considerar mortes precoces associadas à contaminação de HIV, complicações de saúde decorrentes das modificações corporais muitas vezes realizadas informalmente, os riscos e vulnerabilidades decorrentes das vivências na rua, entre outros. Além disso, é relevante questionar também a possibilidade da presença de travestis idosas nos espaços públicos, ou mais precisamente, a invisibilidade de travestis idosas nos espaços públicos. Nesse sentido, é relevante apontar a percepção do envelhecimento, onde muitas vezes a partir dos 40 anos de idade as travestis já são consideradas idosas.

Nesse contexto, autores (Antunes 2010; Siqueira 2004) ressaltam a importância em alcançar a terceira idade com dignidade para as travestis.

Não bastava ser tratada como “senhora” na rua, não bastava que lhes indicassem o banheiro de senhoras ou que lhes ofereçam o assento do ônibus, é necessário ser uma senhora bem-sucedida, no sentido de ter “escapado” da AIDS, da dependência de drogas químicas, de poder transitar em diferentes segmentos sociais, de ser respeitada no local aonde mora e ser uma senhora de posses (Siqueira, 2009, p. 44).

Ser reconhecida como “senhora” é um aspecto importante no relato de algumas travestis. Antunes (2010) em sua pesquisa destaca que as entrevistadas se sentem satisfeitas quando são vistas como “senhoras”. Siqueira (2009) aponta que serem vistas como “senhoras” é também um status frente ao grupo e à sociedade. Para a autora, essa perspectiva desafia “a de perda de status social atrelada à velhice, salientada por vários dos estudos etnográficos realizados em sociedades ocidentais contemporâneas.” (Siqueira, 2009, p. 43).

Na pesquisa realizada, uma entrevistada aponta que ser idosa também as tornam excluídas:

Elas acham que vão ficar novas pelo resto da vida. Se a travesti nova já tem muitos problemas, imagina ela velha, vai ser muito mais difícil, porque você é chamada de várias coisas, de velha, de “maricona”. As novas olham para nós e dizem: “você está velha, ninguém mais te quer!” (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

O envelhecimento das travestis e mulheres trans tem suas especificidades, encontrando alguns pontos de congruência com outros grupos que sofrem extrema exclusão e que estão no trabalho na prostituição, porém no caso das travestis há ainda as mudanças referentes às suas transformações corporais e às dificuldades de acesso aos serviços de saúde, como apontado nas entrevistas.

A travesti quando envelhecer vai ter muito mais problemas que qualquer outra pessoa pelo excesso de hormônio que ela tomou e por ter aplicado silicone, a saúde será mais debilitada. Ela sabe que ela precisa de um médico, mas chegando lá vai ser vítima de chacota e de deboche, farão questão de chamá-la, bem alto, pelo nome masculino. Então ela não vai ao médico, sendo que isto é um direito de qualquer ser humano bem como o lazer e a segurança. (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

Um aspecto que é importante ressaltar se refere às mudanças corporais, um aspecto importante para muitas travestis.

Um processo, nunca se encerra. Construir um corpo e cuidá-lo é uma das maiores preocupações das travestis. Elas estão sempre buscando a “per-

feição", o que significa "passar por mulher", uma mulher bonita e desejável, geralmente "branca" e burguesa. Em busca dessa imagem afinam seus traços, bronzem seus corpos, adornam-se com roupas de remetem a mulheres glamourosas, escolhem nomes de atrizes e musas hollywoodianas ou cantoras pops. (Pelúcio, 2005 em Nogueira e León, 2012, p. 59).

Para esse processo é frequentemente realizado uma série de intervenções corporais, como homorniozação, aplicação de silicone industrial, implantes, entre outros. É importante ressaltar as dificuldades de travestis, mulheres e homens trans para a realização de processos médicos transsexualizadores - de reafirmação de identidade - no sistema público de saúde, o que coloca essa população em uma situação de maior vulnerabilidade quando realizam essas intervenções em sistemas informais (Mountian, Monteiro, Vasconcelos et al., 2012).

Como já apontado, a própria noção de envelhecimento difere, ou seja, aos 40 anos de idade, muitas travestis são consideradas 'idosas', um envelhecimento que se refere ao corpo e aos efeitos das tecnologias utilizadas, mas também ao que o mercado exige delas. Nesse sentido, foi apontado pelas entrevistadas as dificuldades de inserção no trabalho, e dentro desse contexto transfóbico, foi ressaltado que algumas travestis "começam a se masculinizar" para conseguir essa inserção laboral.

Como é que eu vou ter dinheiro pra sustentar? Eu não tenho nenhuma renda, eu não tenho nenhuma poupança, eu não tenho nada. Eu acho que precisa começar a observar essas coisas, que eu acho que justamente esses questionamentos que serão feitos, que a gente vai procurar compreender e o que fazer pra ajudar essa população. Talvez por isso que as travestis do Brasil começam a se masculinizar quanto completam cinquenta, sessenta anos, justamente pra poder voltar a transitar na sociedade como pessoa, que ela poderia fazer muito bem sendo travesti. (Entrevistada nº 2, entrevista pessoal, 27 de fevereiro de 2012).

A grande maioria, e umas que eu pude observar, é que quando elas chegam nessa idade, a idade avançada, elas começam a abdicar primeiro da sua identidade. Elas começam a cultivar mais a aparência masculina. Isso é terrível. Isso acontece muito aqui no Brasil. Na Europa a gente não percebe isso, a gente percebe na Europa que tem lá, as trans elas continuam mesmo velhinhas, mas como trans e tudo. E não sei qual esse fenômeno no Brasil que faz isso. Eu conheço algumas travestis, inclusive aqui mesmo na Bahia que quando elas já tem cinquenta, sessenta, setenta anos, elas começam a se emascular novamente. A cor-

tar o cabelo curtinho. (Entrevistada nº 2, entrevista pessoal, 27 de fevereiro de 2012)

Estes são apontamentos importantes, que deflagram a transfobia vigente e também apontam para a relação de identidade e a necessidade de mudança para a inserção no trabalho nesse contexto. A masculinização de travestis e mulheres trans também foi observada em outros estudos:

A velhice não é valorizada, inclusive entre as travestis. É como se a travesti perdesse a função ao envelhecer. Então, acabam desaparecendo. Conta que há algumas que envelhecem e voltam a se vestir como homens. Passam por uma espécie de "des-transformação". Outras acabam assumindo outros trabalhos como: costureiras, maquiadoras, bombadeiras, cozinheiras, cabeleireiras, manicures, domésticas, cafetinas, locatárias, agenciadoras, artistas, etc. (Antunes e Mercadante, 2011, p. 122, *itálicos do original*).

Um outro aspecto importante se refere ao papel assumido pelas travestis idosas, que podem ser vistas como aconselhadoras, mães, madrinhas, devido ao seu conhecimento das técnicas corporais, assim como das experiências vividas por elas. Como apontado também por Antunes e Mercadante (2011, p. 116-117), "sua tarefa é a de iniciar, proteger e ensinar as mais novas a viverem como travestis".

Os aspectos levantados nas entrevistas sobre o envelhecimento são fundamentais para serem considerados tanto para as políticas públicas quanto para o desenvolvimento de pesquisas. A longevidade das travestis é um fator que foi levantado na pesquisa. A categoria da classe social foi bastante ressaltada, tendo impacto direto nas possibilidades de inserção laboral e na necessidade de se adequar, às vezes, corporalmente através da masculinização a essa esfera do trabalho. Também foi apontado o preconceito que algumas vivenciam por serem idosas e outras ocupam um lugar de 'madrinha', posição social que é muitas vezes vista também na experiência das mulheres cisgêneras idosas. Finalmente os efeitos das transformações corporais são muitas vezes ampliados na terceira idade, e o acompanhamento médico foi visto como um obstáculo, devido ao contexto transfóbico também presente na área da saúde.

Imigração e história

A construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está

ainda mais profundamente na obscuridade. (Spivak, 1988/2011, p. 66-67)

Ampliando a afirmação de Spivak (1988/2011) é questionado aqui como a travesti e sua história é obscurecida e silenciada, e crucialmente, qual a possibilidade dela falar (e ser ouvida). Tendo essas observações em relevo, dois aspectos são ressaltados, primeiro das histórias vividas pelas travestis, e segundo, da história como contada por elas. Aqui não se trata apenas das suas histórias de vida ao longo da história, mas da história contada a partir do olhar da travesti, que coloca em xeque também a história total (Foucault, 1969/2002), ou seja, como grupos subalternos configuram na história total, sendo frequentemente invisibilizados e quando aparecem, aparecem à margem, patologizados ou criminalizados. A história contada pelas travestis, mostra, portanto aspectos da história que não são comumente incluídos e reconhecidos. Duas vertentes são levantadas aqui da história da transfobia (e homofobia) no Brasil, e a imigração trans nesse contexto. A transfobia foi apontada como um aspecto fundamental na história das travestilidades e transexualidades no Brasil.

Fragmentos de história revisitada: transfobia institucional

Nos extratos abaixo são destacados diversos aspectos relacionados à transfobia no cotidiano e institucional, nesse caso, as entrevistadas apontam em particular a violência dos órgãos de segurança, e especialmente no contexto da ditadura militar no Brasil.

Antigamente aqui no Rio de Janeiro, a história da travestilidade, começou aqui com a Key Francis, exatamente, nós fizemos o prêmio Key Francis de direitos humanos. A Key Francis. A Turma Ok³ começou com um grupo de cinco rapazes, que começou o Alberto, o Adagoberto começaram a se reunir antes de se tornarem Turma Ok. Começaram a se reunir e eles eram perseguidos pela polícia. Não eram travestis, eram homossexuais. Foi a primeira casa da América Latina, (...) mais importante (...) casa Gay (...). Isso foi inaugurada em 1966. Quem fazia show na casa? Key Francis que era uma transsexual, Eloá que faleceu agora com oitenta e seis anos, era a travesti, porque Raquel Barbosa vai fazer ainda oitenta e um anos, Eloá oitenta e cinco anos. Nós temos que reverenciar, porque isso é um mito. Quando se fala que, mito, travesti não envelhece, travesti envelhece sim. Eloá faleceu a três anos atrás com oitenta e cinco anos. Temos a Raquel Barbosa que

vai completar agora oitenta e um anos. (Entrevistada nº 3, entrevista pessoal, 23 de julho de 2011).

Foi a primeira travesti na Turma Ok a começar a fazer show (...). O que que aconteceu? Era o exército, era a época da ditadura. Eu, sou de uma geração, que vim depois, em 69 (...). Mas elas sofreram um barra. Por quê? Elas entravam vestidas de homens, de rapazes, de rapazes e saíam vestidas de mulher. A única, a única que saía mesmo, saía mesmo como era, na época era a Rogéria, essa Angela Negliri e Cláudia Celeste. Que não tinham medo (...). E outra, para o padrão da época, pareciam realmente o estereótipo o fenótipo mulheres (...). E Cláudia Celeste, nossa, quem olhasse assim para Cláudia Celeste era uma mulher. A Rogéria extravagante com aquele cabelo dela era uma travestiziona, mas era do fenótipo feminino, porque já tinha seio, já tinha, já tinha o estereótipo mulher, porque tomava muito hormônio, que na época, nós tomávamos Lindiol, nós tomávamos Gestadinona, que era injetável e todo médico ou farmacêutico que aplicava em travesti na época era caçado a matrícula ou então era preso, era preso. Que na época, quero frisar bem, na época, as pessoas pensam a polícia militar, a instituição da polícia militar existe somente há trinta anos. Nós éramos comandada pelo exército. Quem levava nós presa era o exército. Ai depois inaugurou a Polícia Militar, a instituição da polícia Militar (...). Mas quem comandava era o exército. Então, por simplesmente o Gay, o gay, por ser gay, eles achavam já um afronto. Agora você ser travesti de mulher, era mais afronto ainda. Mas o que que acontecia? A travesti, ela sempre teve, é, um olhar direcionado para a sociedade civil, principalmente quanto a relação dos homens. (Entrevistada nº 3, entrevista pessoal, 23 de julho de 2011).

O que a gente tem observado é nessa época em que as prostitutas precisavam fazer isso. Ai tanto que teve aquela marchinha "De dia é Maria, de noite é João". Essa comparação era pra modificar essa coisa, porque era uma conjuntura. As pessoas não estavam muito acostumadas a ver. (Entrevistada nº 2, entrevista pessoal, 27 de fevereiro de 2012).

Elas tem que entender que se hoje estão na rua de saia devem agradecer às velhas que apanhavam de cassetete, iam presas, levavam choque e ficavam penduradas no pau de arara. Por tudo isso eu passei, a gente não podia ver um camburão na rua. Se visse um camburão na rua uma gritava para a outra: Mona, olha os 'alibã', não ficava ninguém na rua. (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

Aqui são ressaltados diversos aspectos importantes, a violência policial foi bastante citada, assim como a violência cotidiana. Nesse contexto, elas apontam como 'performavam' de acordo com as situações em que se encontravam, onde muitas entravam nos lugares "vestidas de homens e saíam vestidas de mulheres".

³ Esse local foi também citado por Siqueira (2004)

A transfobia institucional é parte fundamental na experiência da travesti no Brasil, que compõe o contexto o qual muitas vezes a imigração configura como condição de sobrevivência e mobilidade social. Essas imigrações são vistas desde mudanças das suas cidades natais, até mudanças de país, particularmente para destinos que garantam mais segurança e possibilidade de ascensão social. É importante notar ainda, que as vivências de transfobia na adolescência, com a frequente evasão escolar, e muitas vezes a saída da casa dos pais, é um aspecto importante para a contextualização desses processos migratórios (Mountian, 2014). Nos extratos abaixo, a transfobia na infância e adolescência é ressaltada:

Eu achava que era mulher, até eu entrar na escola e ver que não era mulher. Ai eu tinha vergonha de andar com meus amigos homem e eles verem que não sou mulher (...) Não ia no banheiro com medo que eles descobrissem. (aos 7 anos de idade). (Entrevistada nº 4, entrevista pessoal, 08 de outubro de 2010).

Na adolescência, dizem hoje que tem bullying, mas tem bullying há muitos anos. Eu sempre tive bumbum grande e eu passei por essa questão de bullying, (...) os meninos esperavam no saída da aula pra me chamar de bundudo e corria atrás e gritando (...) Vestia blusa tampando porque tinha vergonha, medo das agressões. Cobria o corpo com medo dessas agressões, os meninos corriam atrás de mim, eram muitos correndo atrás. (Entrevistada nº 4, entrevista pessoal, 08 de outubro de 2010).

Esses aspectos referentes às violências sofridas na infância e adolescência é um ponto crucial na experiência de várias travestis, e tem efeitos também na evasão escolar, como visto em outras pesquisas (Mountian, 2014).

O seguinte fragmento aponta algumas dinâmicas em relação à transfobia institucional e experiências no âmbito da rua.

Da polícia, dos boys na rua, dos “filhinhos de papai”. A mesma violência que existe hoje em dia existia em minha época. Íamos presos por vadiagem, por estar na rua sem documento.

Entrevistador: E muitos não tinham documento?

A maioria que estava na rua não tinha documento, porque travesti vive migrando de um lugar para outro, às vezes é roubada ou viaja e perde os documentos no meio do caminho. Isso sempre acontece, às vezes está na rua e passa um motoqueiro que rouba a bolsa, aí tem que buscar certidão de nascimento em outro estado, tudo isso é caro. O documento é muito difícil para travesti. (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

É importante ressaltar nesse extrato a condição de transfobia e as dinâmicas decorrentes dessas, a entrevistada aponta diversas formas de violência, e em especial as situações de violência no espaço público.

Imigração

Os estudos sobre imigração e travestilidade são ainda escassos (Carrijo 2011; Teixeira 2011; Vartabedian 2014a). Vartabedian (2014b) aponta a noção de ‘imigração trans’ para delimitar o campo dos processos migratórios em que se considere as especificidades das vivências das travestis, transsexuais e transgêneros. Para a análise das imigrações trans, é fundamental considerar o contexto transfóbico em que se encontram, e ressaltamos aqui também a importância em se considerar as dinâmicas de raça, classe social e idade.

Estudos apontam alguns aspectos importantes das imigrações trans. Vartabedian (2014b, p. 283) aponta que “las personas trans migran para encontrar mayor libertad y respeto para expresar y vivir sus identidades de género y sexualidad, pero también buscan — simultaneamente— un escenario económico beneficioso para desarrollar una actividad laboral”. Pelúcio (2011, p. 186) destaca que elas também estão “buscando horizontes mais alargados a partir experiências cosmopolitas que podem ser traduzidas em contatos com diferentes culturas, aprendizados de idiomas, de códigos culturais diversos, além da possibilidade de fruição de lugares, passeios, comidas, prazeres e pessoas”.

A possibilidade de viver experiências menos transfóbicas é ressaltado em alguns estudos. Nesse sentido, Pelúcio (2011) aponta que há uma ideia de que os homens europeus as “assumiriam” publicamente, diferentemente do Brasil.

Assim, além de poderem encontrar um “homem de verdade”, a Europa poderia criar uma possibilidade de saída da prostituição e proporcionar uma vida dentro de um roteiro que elas classificam como “normal” – constituir família, circular durante o dia sem sofrer constrangimentos e serem merecedoras das mesmas gentilezas que os homens dedicam às mulheres biológicas (Pelúcio, 2011, p. 187).

Considerando o contexto de transfobia em que as travestis se encontram e as relações com segurança pessoal e trabalho, como apontado nas entrevistas, a imigração tanto

nacional quanto internacional é muitas vezes parte de suas vivências cotidianas. Nos seguintes extratos alguns aspectos da imigração são apontados:

O sonho de toda travesti era ir embora para Europa, todas. Tive muitas amigas que foram, tive muitas amigas que morreram por lá, que voltaram contaminadas e morreram por aqui. (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

K. hoje em dia você vê aqui em Salvador. Grande parte das travestis que estão aqui em Salvador vão pra São Paulo, vão pro Rio, vão pra Belo Horizonte. E hoje existe não só uma migração dessas cidades aqui... Do campo sempre teve. Então se você chega hoje numa capital... aqui agora tem menos isso, mas se você chegar em Recife hoje e perguntar, a maioria daquelas travestis estão na cidade de Recife que trabalham, elas vieram de cidades pequenas. Cidade do interior e veio pra Recife. Em Salvador a gente também encontra, mas não com tanta frequência como tem em outros estados. O que elas tem feito atualmente, como a Europa agora tá em crise, elas estão pulando de estado pra estado. Vai de Salvador para Belo Horizonte, de Belo Horizonte pra Curitiba, de Curitiba pra Florianópolis... Ficam migrando, fazendo uma migração nessa questão própria do Brasil mesmo. Mas por suas próprias formas. Pode ser que tenha alguma que até vá se alguém financeiramente. Essa coisa desse tráfico nacional. Mas a maioria delas que eu conheço elas fazem por suas próprias formas. Conseguem dinheiro, compra uma passagem, liga pra uma pessoa que tem uma casa lá, pra uma dessas pensões que existem. Aí acaba acertando e vai trabalhar lá por um período. (Entrevistada nº 2, entrevista pessoal, 27 de fevereiro de 2012).

Nesses extratos são ressaltadas diversas formas de migração que as travestis vivenciam, tanto da imigração internacional como da migração interna, particularmente das cidades pequenas às capitais. Considerando as diversas formas de violências transfóbicas, a imigração aparece como uma das possibilidades ou esperanças de ascensão e segurança para as travestis, colocando aqui em relevo as diversas relações entre identidade política sexual e imigração. Nesse sentido, as relações de raça, classe social e idade são fundamentais para a análise.

Mudanças hoje

Nas entrevistas realizadas, muitas apontaram mudanças importantes referentes à condição social das travestis hoje. Questões relativas à transfobia seguem primordiais nas experiências das travestis e das mulheres transsexuais, no entanto, as entrevistadas apontam diferenças em relação à transfobia sofrida antes,

ressaltando avanços relativos à cidadania e direitos humanos.

As coisas estão ficando mais claras, as pessoas estão se respeitando mais, a polícia está nos respeitando mais, menos os evangélicos. (Entrevistada nº 5, entrevista pessoal, 27 de fevereiro de 2012).

Antigamente nós quase não saíamos de dia, era muito mais difícil. Hoje em dia, as coisas ficaram um pouquinho mais fáceis para elas. Vejo meninas no ônibus, viajando e andando no *shopping* mesmo sendo criticadas e humilhadas, porque vejo pessoas olharem, cutucarem e rirem. (Entrevistada nº 1, entrevista pessoal, 08 de fevereiro de 2012).

Nesses relatos, é importante apontar as conquistas sentidas em relação à cidadania, onde parece que apesar de ainda ser um contexto transfóbico, algumas travestis e mulheres trans começam a circular mais publicamente com um pouco mais de facilidade que em outros períodos históricos. De acordo com as entrevistas, algumas pessoas respeitam mais as travestis, porém o preconceito advindo de evangélicos foi apontado como constante.

A partir das entrevistas é importante ressaltar os efeitos da transfobia e suas dinâmicas em lugares público, em locais de acesso ao público, e em horários diurnos. Nesse sentido, pode-se refletir como o espaço público é gerido, trazendo à tona a discussão sobre a invisibilidade das travestis e populações trans nos espaços públicos, o que é estendido aos trabalhos formais, ao acesso à educação, aos serviços de saúde, entre outros (Mountian, 2014). É importante, nesse sentido, questionar quando as travestis tornam-se visíveis, e o que é relatado é que essas são visíveis à noite, em lugares específicos; nos serviços de saúde; quando sofrem violências; ou quando são relacionadas a crimes. Essas dinâmicas trazem em questão quando sua presença é patologizada e quando sua ausência é normalizada (Phoenix, 1987) nos diversos setores.

Em relação aos serviços de saúde, vale apontar como essas são visíveis nos espaços concernentes aos processos transsexualizador, e em áreas específicas da saúde, como apontam Amaral et al. (2014, p. 304)

A atenção a esta população tornou-se majoritariamente voltada a ações preventivas e paliativas de saúde, na maioria das vezes percebida pelos profissionais e governos como sinônimo de aids. As demandas governamentais de assistência às travestis continuam diretamente associadas às drogas, à prevenção da criminalidade, ao HIV/aids e às DSTs.

É importante considerar, portanto, as dinâmicas de visibilidade, onde muitas vezes, quando visíveis as travestis e mulheres transsexuais são vistas de forma patologizada e ou criminalizada. Assim como deve-se questionar a ausência normalizada dessa população, e as formas de exclusão a que estão submetidas. Tal análise é importante para o enfrentamento da transfobia, e para evitar a reprodução dessa posição social, onde são continuamente invisibilizadas, patologizadas ou criminalizadas.

Considerações finais

O objetivo desse artigo foi apontar alguns aspectos fundamentais das relações entre travestilidade e envelhecimento. Os aspectos levantados foram trazidos pelas travestis idosas que participaram da pesquisa, esses foram: envelhecimento, corpo, imigração, mercado de trabalho, relação com a história e transfobia institucional. Todos esses aspectos podem produzir diversas análises. Para a realização de análises críticas, ressaltamos que é fundamental considerar os contextos sociais específicos e as relações de poder das dinâmicas sociais, e nesse caso, o entendimento dos contextos de transfobia e seus efeitos para as possibilidades de envelhecimento trans.

A história levantada nas entrevistas foi vista em relação às suas vivências, e às suas posições frente à história, colocando em xeque como essa população é configurada na história. Nesse sentido, a exclusão social foi vista como reiterada tanto no ostracismo e silenciamento das travestis, quanto nas dinâmicas de visibilidade e invisibilidade das mesmas, ou seja, na maneira pela qual elas se tornam visíveis à noite, nas violências transfóbicas, nos serviços de saúde (patologizadas), nas relações com a polícia. E da sua invisibilidade (normalizada), como visto na não presença no espaço público, nos períodos diurnos, assim como na masculinização de algumas travestis na terceira idade, e crucialmente, em específico às travestis e mulheres trans idosas, foi levantada a importância de levantamento estatístico sobre possibilidades de envelhecimento e longevidade.

Em relação ao testemunho histórico, é importante localizar o corpo da travesti em relação à sua própria história e a relação entre o corpo da travesti em relação à história. Nas entrevistas realizadas, foi visto que a maioria

das travestis entrevistadas mudaram de lugar, cidade ou país, e de acordo com os seus relatos, essa imigração teve relação direta com a homofobia e transfobia locais. Nesse sentido, foi apontado como o corpo da travesti é um corpo marcado sexualmente, sustentando um espaço discursivo específico (sem lugar, ou com pouco lugar, para o armário) (sobre políticas do armário ver Sedgwick, 1991) onde temos relatos de ambas reações sociais transfóbicas, assim como de resistência. Nesse sentido, o corpo trans traz também o debate sobre as possibilidades de alargamento e resistências das relações binárias de gênero. Porém, é importante ressaltar aqui que a performatividade trans deve ser entendida incluindo as categorias sociais de gênero, sexualidade, raça, classe e idade, e como essas intersectam e refletem nos seus corpos. Assim, é ressaltado como os efeitos da transfobia, não podem ser separados do racismo, questões de classe social, idade, entre outros.

Foram relatadas experiências em diversas partes do Brasil, com dinâmicas regionais específicas, porém em todas as entrevistas, o testemunho foi marcado por enfrentamento e resistência às diversas formas de violência local. Nesse sentido, é importante ressaltar que a imigração da população travesti, foi vista muitas vezes como busca de contextos menos transfóbicos e possibilidade de mobilidade social e segurança.

A transfobia deve ser tomada também como ponto fundamental na relação das travestis com o envelhecimento, desde o que é ser considerada idosa (mais de 40 anos de idade), até às mudanças corporais do envelhecimento e a relação com as próteses, plásticas e silicones que compõe o seu corpo, tanto pelos efeitos à saúde quanto pela necessidade de 'retoques' (Siqueira, 2004), sendo necessário o acesso à saúde e o entendimento específico dos efeitos das intervenções corporais. Considerando a transfobia institucional onde acesso à educação, trabalho e saúde são limitados ou impedidos para essa população, o trabalho sexual aparece muitas vezes como um espaço social "permitido" às travestis, assim como, algumas profissões estereotipicamente atribuídas a elas (como cabeleireira, manicure, etc.). No trabalho sexual, de acordo com as entrevistadas, há uma certa limitação etária, levando as travestis idosas a uma maior situação de vulnerabilidade financeira. Nesse sen-

tido, foi levantado também como algumas travestis se masculinizam para o acesso ao trabalho e condições de sobrevivência, aspecto que gera questões importantes sobre as possibilidade identitárias das travestis idosas.

Esse é um tema que encontra-se marginal, não apenas em relação à posição social ocupada pelas travestis, mas também na universidade, tanto em relação ao acesso da travesti à universidade, quanto em relação às pesquisas sobre o tema. Torna-se, portanto, importante dar voz a esses grupos, e ressaltar como as relações transfóbicas e homofóbicas produzem subjetividade e apontar seus efeitos tanto na reprodução de dessas relações, excluindo grupos, como também para as formas de resistência aos discursos transfóbicos e homofóbicos, seus alargamentos e deslocamentos discursivos nas relações hierárquicas de gênero.

É necessário, portanto o desenvolvimento e implementação de políticas públicas, assim como o desenvolvimento de pesquisas nessa área, que considerem as especificidades de suas demandas, as dinâmicas e aspectos interseccionais e os contextos locais; e que incluam as travestis e mulheres transsexuais, e homens transexuais, como sujeito ativo na pesquisa acadêmica, nos desenvolvimentos de políticas públicas e da própria história.

Refêrencias

- Alves, Andrea Moraes (2010). Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 213-233. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832010000200010>
- Amaral, Marília dos Santos; Silva, Talita Caetano; Cruz, Karla de Oliveira & Toneli, Maria Juracy Filgueiras (2014). 'Do travestimos às travestilidades': Uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. *Psicologia e Sociedade*, 26(2), 301-311. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822014000200007>
- Antunes, Pedro Paulo Sammarco (2010). *Travestis envelhecem?* Dissertação de Mestrado inédita, Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Antunes, Pedro Paulo Sammarco & Mercadante, Elisabeth Frohlich (2011). Travestis, envelhecimento e velhice. *Revista Kairós Gerontologia Temática*, 14(5), 109-132.
- Bauer, Greta; Redman, Nik; Bradley, Kaitlin & Scheim, Aiden (2013). Sexual health of transmen who are gay, bisexual or who have sex with men: results from Ontario, Canada. *International Journal of Transgenderism*, 14(2), 66-74. <http://dx.doi.org/10.1080/15532739.2013.791650>
- Browne, Kath & Nash, Catherine (Eds.) (2010). *Queer methods and methodologies: Intersecting Queer Theories and Social Science Research*. Surrey: Ashgate
- Burman, Erica (2008). *Developments: child, image, nation*. Londres: Routledge
- Butler, Judith (1999/2008). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Carrijo, Gilson Goulart (2011). Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira. In Adriana Piscitelli, Gláucia Oliveira Assis & José Miguel Neto Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 263-320). Campinas: UNICAMP/PAGU
- Chantler, Khatidja (2007). Border Crossings: nationhood, gender, culture and violence. *International Journal of Critical Psychology*, 20, 138-166.
- Debert, Guila Grin (2010). A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 49-70. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832010000200003>
- Fernandes, Juliana; Barroso, Karoline Assis, A. & Pocahy, Fernando (2015). Gênero, sexualidade e envelhecimento: uma revisão sistemática da literatura. *Clínica & Cultura*, 4(1), 14-28.
- Foucault, Michel (1969/2002). *The Archaeology of Knowledge*. Londres: Routledge
- Foucault, Michel (1976/2007). *História da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal
- Graham, Louis; Crissman, Halley; Tocco, Jack; Hughes, Laura; Snow, Rachel & Padilla, Mark (2014). Interpersonal Relationships and Social Support in Transitioning Narratives of Black Transgender Women in Detroit. *International Journal of Transgenderism*, 15(2), 100-113. <http://dx.doi.org/10.1080/15532739.2014.937042>
- Haraway, Donna (1988). Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective. *Feminist Studies*, 14(3), 575-599. <http://dx.doi.org/10.2307/3178066>
- Kimmel, Douglas (2014). Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Aging Concerns. *Clinical Gerontologist*, 37, 49-63.

- <http://dx.doi.org/10.1080/07317115.2014.847310>
- McClintock, A. (1995). *Imperial Leather - Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*. Londres: Routledge
- Motta, Alda Britto (2004). Gênero, idades e gerações. *Caderno CRH*, 17(42), 349-355.
- Mountian, Ilana (2013). *Cultural ecstasies: drugs, gender and social imaginary*. Londres: Routledge
- Mountian, Ilana (2014). *A critical analysis of public policies on education and LGBT rights in Brazil*. Relatório. IDS/Sussex. Disponível em <http://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/bitstream/handle/123456789/3614/ER61.pdf?sequence=1>
- Mountian, Ilana; Monteiro, Igor; Vasconcelos, Rafaela; Costa, Nicole; Sander, Vanessa & Carneiro, Julia (2012). *Travestilidade e transsexualidade e o acesso à saúde*. Relatório para o Ministério da Saúde. Documento não publicado
- Nogueira, Francisco Jander & León, Adriano Gomes (2012). 'Trabalhadas no feminino': um estudo sobre corpo, desejo e prostituição travesti em Fortaleza-CE. *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - Relaces*, 8(4), 55-67
- Pelúcio, Larissa (2011). "Amores perros" - sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo. In Adriana Piscitelli, Gláucia Oliveira Assis & José Miguel Neto Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 185-224). Campinas: UNICAMP/PAGU
- Phoenix, Anne (1987). Theories of gender and black families. In G. Weinger & M. Arnot (Eds.), *Gender Under Scrutiny: New Inquiries in Education* (pp. 50-63). London: Open University Press.
- Piscitelli, Adriana (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, 11(2), 263-274. <http://dx.doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>
- Pocahy, Fernando (2014). Performances de um corpo contestado. *Annual Review of Critical Psychology*, 11, 219-232.
- Prado, Marco Aurélio Máximo; Mountian, Ilana; Machado, Frederico Viana & Santos, Leonel Cardoso (2010). Los movimientos LGTB y la lucha por la democratización de las jerarquías sexuales en Brasil. *Revista Digital Universitaria*. 11(7), 1-15. Disponível em: <http://www.revista.unam.mx/vol.11/num7/art68/index.html>
- Saavedra, Luísa & Nogueira, Conceição (2006). Memórias sobre o feminismo na psicologia: para a construção de memórias futuras. *Memorandum*, 11, 113-127.
- Sedgwick, Eve Kosofsky (1991). *Epistemology of the Closet*. Los Angeles: University of California Press
- Simões, Júlio Assis (2011). Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. Em Belkis Trench & Teresa Etsuko da Costa Rosa (Orgs.), *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa* (pp. 119-138). São Paulo: Instituto de Saúde
- Siqueira, Mônica Soares (2004). *Sou Senhora - Um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade Federal de Santa Catarina.
- Siqueira, Mônica Soares (2009). *Arrasando horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas*. Tese de Doutorado inédita, Universidade Federal de Santa Catarina
- Siverskog, Anna (2014). "They Just Don't Have a Clue": Transgender Aging and Implications for Social Work. *Journal of Gerontological Social Work*, 57(2-4), 386-406. <http://dx.doi.org/10.1080/01634372.2014.895472>
- Spivak, Gayatri Chakravorty (1988/2011). *O subalterno pode falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG
- Teixeira, Flávia do Bonsucesso (2011). Juízo e Sorte: enredando maridos e clientes nas narrativas sobre o projeto migratório das travestis brasileiras para a Itália. In Adriana Piscitelli, Gláucia Oliveira Assis & José Miguel Neto Olivar (Orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil* (pp. 225-262). Campinas: UNICAMP/PAGU
- Transgender Europe (2014). *Relatório Monitoramento*. Disponível em <http://www.transrespect-tran-sphobia.org/uploads/downloads/2014/TDOR2014/TvT-TDOR2014PR-en.pdf>
- Vartabedian, Julieta (2014a). El alcance político de las travestilidades: acerca del potencial transgresor de las travestis. *Annual Review of Critical Psychology*, 11, 299-317.
- Vartabedian, Julieta (2014b). Migraciones trans: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. *Cadernos Pagu*, 42, 275-312. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400420275>

Witten, Tarynn (2015). Elder Transgender Lesbians: Exploring the Intersection of Age, Lesbian Sexual Identity, and Transgender Identity. *Journal of Lesbian Studies*, 19(1), 73-89.
<http://dx.doi.org/10.1080/10894160.2015.959876>

Yuval-Davis, Nira (1997). *Gender & Nation*. Londres: Sage

6



ILANA MOUNTIAN

Pós doutoranda do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (FAPESP) e pesquisadora honorária da Manchester Metropolitan University. Membro do Discourse Unit. Autora do livro *Cultural Ecstasies: drugs, gender and social imaginary* (Routledge, 2013).

DIRECCIÓN DE CONTACTO

imountian@hotmail.com

FORMATO DE CITACIÓN

Mountian, Ilana (2015). Aspectos sobre travestilidade e envelhecimento: história, corpo e imigração. *Quaderns de Psicologia*, 17(3), 31-44. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1286>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 16/05/2015
1ª Revisión: 05/09/2015
Aceptado: 23/10/2015